

BLOG *EU NA FLORESTA*: UM ESTUDO SOBRE ESTEREÓTIPOS E REPRESENTAÇÕES NO ACRE

Daya de Kássia Pinheiro Campos¹
Francielle Maria Modesto Mendes²

RESUMO

O blog *Eu na Floresta* foi criado em julho de 2016 quando a repórter Maria Fernanda Ribeiro decide visitar a floresta amazônica e conhecer os povos que na região habitam. O objetivo do trabalho é analisar, nos textos extraídos neste blog, as representações e os estereótipos apresentados sobre a Amazônia brasileira, principalmente, sobre o estado do Acre. Como metodologia foi usada a Análise de Conteúdo, de Laurence Bardin. Foram estudados 09 textos publicados no período de 07 de julho a 21 de outubro de 2016. Por questões didáticas, as publicações analisadas foram organizadas em quatro aspectos: Amazônia como lugar distante/isolado, cidade versus floresta, indígenas, e culinária. Stuart Hall, Roger Chartier, Durval Muniz Albuquerque Júnior, Ana Pizarro, entre outros, formam o referencial bibliográfico desta pesquisa. No blog *Eu na Floresta*, o imaginário sobre a Amazônia é ressaltado em diversos aspectos, seja pela ausência de tecnologia no meio da mata, pela forma que a cultura indígena é retratada ou até mesmo pelas dificuldades enfrentadas para chegar a determinados lugares na região. A partir dos textos analisados, percebe-se que a jornalista ainda se assemelha a outros viajantes que passaram pela Amazônia, pois narra a localidade como misteriosa, comparando as diferenças entre cidade e floresta, principalmente, no que se refere à cidade de São Paulo e aos municípios do Acre. Diante disso, a sensação de distanciamento e isolamento é preservada no texto, apesar do esforço da jornalista em tentar enxergar o outro por meio de sua narrativa.

Palavras-Chave: Acre, Estereótipos, Representações.

EU NA FLORESTA BLOG: A STUDY ON STEREOTYPES AND REPRESENTATIONS IN ACRE

ABSTRACT

The blog *Eu na Floresta* was created in July 2016 when reporter Maria Fernanda Ribeiro decides to visit the Amazon rainforest and meet the people who live in the region. The objective of this work is analyze, in the texts extracted in this blog, representations and stereotypes presented on the Brazilian Amazon, mainly on the state of Acre. Laurence Bardin's Content Analysis was used as methodology. We studied 09 texts published from July 7 to October 21, 2016. For reasons of didactics, the analyzed publications were organized in four aspects: Amazon as a remote / isolated place, city versus forest, indigenous, and culinary. Stuart Hall, Roger Chartier, Durval Muniz Albuquerque Júnior, Ana Pizarro, and others, form the bibliographic reference of this research. In the blog *Eu na Floresta*, the imaginary about the Amazon is highlighted in several aspects, either by the absence of technology in the middle of the forest, by the way the

¹ Graduada em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal do Acre (UFAC).

² Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Letras: Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre (UFAC). Professora do Curso de Comunicação Social/Jornalismo e do Mestrado em Letras na mesma instituição.

indigenous culture is portrayed or even by the difficulties faced to reach certain places in the region. From the analyzed texts, one can see that the journalist still resembles other travelers who have passed through the Amazon, since she narrates the locality as mysterious, comparing the differences between city and forest, especially with regard to the city of São Paulo and to the municipalities of Acre. Thus, the feeling of detachment and isolation is preserved in the text, despite the journalist's effort to try to see the other through her narrative.

Key words: Acre, Stereotypes, Representations.

Introdução

Maria Fernanda Ribeiro, jornalista, paulistana, 32 anos, criou o blog *Eu na Floresta* para narrar suas experiências na Amazônia brasileira. Ela largou o emprego em São Paulo, a casa e a família. Tirou um ano sabático e traçou uma trajetória para percorrer todos os nove Estados da Amazônia Legal, quais sejam, Acre, Amapá, Amazonas, Maranhão, Mato Grosso, Tocantins, Rondônia, Roraima e Pará. Contudo, iremos analisar sua trajetória em terras acreanas. “Conhecer os verdadeiros guardiões da selva. Quem são eles, como vivem, como se relacionam com o dinheiro, com o consumo e com o tempo” (RIBEIRO, 07 de julho de 2016, online) é o objetivo da jornalista retratado no texto “Uma floresta que me espera”.

A metodologia usada na pesquisa é a Análise de Conteúdo, de Laurence Bardin. De acordo com o pensamento da autora (2009), é necessário fazer uma classificação do material coletado por temas ou categorias para que se compreenda o conteúdo estudado. Diante disso, foram estudados 09 textos publicados no período de 07 de julho a 21 de outubro de 2016, organizados nas seguintes categorias: Amazônia como lugar distante/isolado, cidade versus floresta, indígenas, culinária.

Os textos selecionados são: “Uma floresta que me espera”; “Oi, Amazônia, muito prazer”; “A primeira terra indígena”; “Uma semana com os yawanawas”; “O que a floresta já me ensinou”; “Nós queremos respeito”; “Fim de uma etapa”; “Índio que é índio...” e “Rio Branco, uma capital para chamar de sua”.

O anúncio da jornada de Ribeiro não foi bem recebido pelos seus amigos e familiares. Ela foi questionada sobre sua decisão e a respeito dos lugares que visitaria no texto “Uma floresta que me espera”. Por que Amazônia? Por que floresta? Por que abandonar tudo? Para tanto respondia que:

a culpa é da floresta porque desde que estive lá em janeiro deste ano por 20 dias, pela primeira vez, e tive contato com duas comunidades ribeirinhas, não

tive mais sossego, na volta, ao pisar em São Paulo, meu olhar em relação ao Brasil estava modificado por completo. Todos os meus conceitos sociais, políticos, econômicos e geográficos se esvaíram (RIBEIRO, 07 de julho 2016, online).

Sabe-se que os conceitos sobre a região amazônica foram formados primeiramente pelos viajantes, aventureiros, escritores que passaram pela Amazônia nos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX em busca de aventuras, novas experiências, considerando o local como passagem e transição³:

Essa perspectiva, a das experiências vividas, é importante quando se trata da região amazônica para refletirmos que um dos conjuntos de produção documentada sobre ela, a dos viajantes e cronistas, é base do que lhe conhecemos como histórico. As noções, os conceitos, e teorias que aprendemos de um dado momento histórico da Amazônia, foram interpretações de circunstâncias cruciais vivenciadas por aquelas pessoas. (FREIRE, 2015, p. 73)

A partir desses relatos de viagem e escritos científicos, a Amazônia começou a ser vista como lugar cheio de mistérios, encantos e aventuras, cercado pela floresta com animais exóticos e perigosos, além de ser habitado por povos primitivos, distante do que se entendia por civilização.

A selva é considerada por Pizarro (2012) como uma grande muralha sobre a qual se tecem infinitas histórias. A Amazônia é ocupada, primeiramente, pela imaginação fantasiosa do conquistador e, posteriormente, pelo imaginário moderno dos naturalistas. Tanto que as primeiras leituras da jornalista Ribeiro foram “sobre a época

³ Sobre os principais cronistas, é possível afirmar: “Frei Gaspar de Carvajal elabora importantes descrições sobre a população que encontra na Amazônia, durante o percurso do rio Amazonas. O cronista retrata as populações amazônicas ainda intocadas pelos efeitos da ocupação europeia e descreve províncias ribeirinhas cujos habitantes se diferenciam, aos olhos exploradores, pela indumentária ou enfeites, pelas armas e pelo tipo de moradia. Além de Carvajal, Pedro Teixeira também fez uma expedição importante, saindo de Belém em 1637. Alonso de Rojas teve acesso ao roteiro de viagem desta expedição e escreveu, em 1639, o *Descobrimento do Rio das Amazonas e suas dilatadas províncias*. Em Quito, Teixeira se vê obrigado a embarcar Cristóbal de Acuña, que vai escrever crônicas de acordo com os interesses espanhóis. Em 1641, ele escreve a obra *Novo Descobrimento do grande rio Amazonas*. Nos anos de 1735 a 1745, o cientista Charles Marie de La Condamine, membro da Academia das Ciências de Paris, também fez expedições à região amazônica. Levou a Europa informações sobre espécies vegetais e seu aproveitamento pelos indígenas, na confecção de artefatos produzidos com uso de borracha, como botas, garrafas e bolas. O cronista observa os indígenas e descreve as diferenças de peles, de alimentos, dos costumes e das relações comerciais. De volta a França, publicou, em 1745, a *Relation abrégée d'un Voyage fait dans l'intérieur d l'Amérique méridionale*. Além desses, quase todos os outros pesquisadores do século XIX – Johann Baptist Von Spix, Carl Friedrich Von Martius, os naturalistas ingleses Henry Walter Bates e Alfred Russel Wallace possuíam igual interesse, preocupando-se em definir características da região e de seus habitantes, dirigindo a todos um olhar preconceituoso e equivocado. Eles se interessavam pela raça e pela natureza, na tentativa de encontrar o elo perdido, sem se desvencilhar da fantasia que marca as falas dos cronistas e viajantes que os antecedem” (MENDES, 2017, p. 107).

da borracha, da escravidão dos seringueiros e maneira como eles se uniram e lutaram para conseguirem a liberdade” (RIBEIRO, 07 de julho de 2016, online). Logo, seus conceitos já estavam estabelecidos, sua visão foi construída com referências à Amazônia a partir daqueles exploradores e conquistadores.

Os exploradores chegavam à Amazônia, local intitulado como desconhecido, e permeado de aventuras, sentido este reconhecido e ressaltado pela autora. Porém, tudo aquilo que não conhecemos ou está alheio a nós pode ser definido como “desconhecido”, pois os outros, sendo estrangeiros ou brasileiros de outras regiões são “acostumados a julgar e condenar o que é diferente do seu mundo” (NENEVÉ, 2015, p. 23).

As diferenças começaram a ser percebidas a partir da sua chegada em Cruzeiro do Sul, local de início da sua jornada. Surge também a necessidade de desconexão de seus hábitos, costumes e tradições, e de reorganização para viver e aceitar os outros e suas experiências. Em seus textos, a jornalista busca ressaltar a diferença das identidades encontradas na Amazônia, as distinções entre o eu e o outro, o civilizado e o rústico, o agitado e o calmo.

Tomaz Tadeu da Silva explica que “a identidade é marcada pela diferença” (SILVA, 2009, p. 9) e por “representações simbólicas que atribuem significado às relações sociais” (SILVA, 2009, p. 54). O processo de descobrir as diversas identidades dos outros é também um processo de redescobrir a própria identidade. Por isso, o autor afirma ainda:

Precisamos de conceitualizações. Para compreendermos como a identidade funciona, precisamos conceitualizá-la e dividi-la em suas diferentes dimensões.

Com frequência, a identidade envolve reivindicações *essencialistas* sobre quem pertence e quem não pertence a um determinado grupo identitário, nas quais a identidade é vista como fixa e imutável (SILVA, 2009, p. 13).

A identidade é distinguida a partir daquilo que o outro é, dos seus hábitos, crenças, etnia e local em que vive. Essas diferentes identidades quando classificadas e tipificadas podem ser consideradas como estereótipos. Para Durval Muniz de Albuquerque Júnior:

O estereótipo pretende dizer a verdade do outro em poucas linhas e desenhar seu perfil em poucos traços, retirando dele qualquer complexidade, qualquer dissonância, qualquer contradição. O estereótipo lê o outro sempre de uma única maneira, de uma forma simplificadora e acrítica, levando a uma

imagem e uma verdade do outro que não é passível de discussão ou problematização. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012, p. 13)

Contudo,

O discurso da estereotipia é um discurso assertivo, repetitivo, caricatural. É uma fala arrogante, de quem se considera superior ou está em posição de hegemonia, uma voz segura e autossuficiente que se arroga no direito de dizer o que o outro é em poucas palavras. O estereótipo nasce de uma caracterização grosseira, rápida e indiscriminada do grupo estranho; este é dito em poucas palavras, é reduzido a poucas qualidades que são ditas como sendo essenciais. O estereótipo é uma espécie de esboço rápido e negativo do que é o outro. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012, p. 13)

Os discursos estereotipados são reforçadores de representações, seja social ou cultural, destacando ideias já reproduzidas por tantos outros escritores e intelectuais, a exemplo, dos aspectos da cultura indígena, que ressaltam o imaginário a respeito da região amazônica brasileira.

Chartier (2002) explica que as representações são construídas a partir do mundo social, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinados pelos interesses de grupo que as forjam. Para Silva (2009), é por meio das representações que atribuímos sentido às pessoas, lugares, entre outros:

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. (SILVA, 2009, p. 16).

“A representação atua simbolicamente para classificar o mundo e nossas relações no seu interior” (HALL, 1997, p. 8), o que nos permite relacionar com a estereotipagem, diferença e poder. O autor acrescenta que, “muitas vezes, pensamos no poder em termos de restrição ou coerção física direta, contudo, também falamos, por exemplo, do poder *na representação*; poder de marcar, atribuir e classificar” (2016, p. 193). O autor completa:

O poder, ao que parece, tem que ser entendido aqui não apenas em termos de exploração econômica e coerção física, mas também em termos simbólicos ou culturais mais amplos, incluindo o poder de representar alguém ou alguma coisa de certa maneira – dentro de um determinado “regime de representação” (HALL, 2016, p. 193).

Como dito anteriormente, por questões didáticas, houve uma organização dos temas abordados pela jornalista para que sejam feitas as análises sobre as representações existentes e como os estereótipos são reproduzidos nos textos.

Amazônia como lugar distante/isolado e cidades versus floresta

Uma das características observadas nos textos extraídos do blog é a necessidade de afirmar que a região é distante dos grandes centros econômicos do país, como consta no texto “Oi, Amazônia, muito prazer”: “foram necessárias quase nove horas voando pelos céus brasileiros. Como é que dizem que o Acre não existe se aqui tem até fuso próprio?” (RIBEIRO, 13 de julho de 2016, online). Ou ainda que o deslocamento dentro do próprio estado é igualmente demorado: “Dessa vez em direção à Vila de São Vicente. Foram três horas de carro pela esburacada BR 364. De lá pegamos um barco em direção à aldeia Mutum...” (RIBEIRO, 25 de julho de 2016, online). Isso acontece apesar da jornalista deixar claro no texto “Uma semana com os yawanawas” que está ciente que o tempo da Amazônia é diferente do tempo do lugar de onde vem: “respeite o tempo da Amazônia, lá (agora aqui) é diferente” (RIBEIRO, 13 de julho de 2016, online).

Seja pela estrada, por rios ou de avião bimotor, os percursos narrados pela jornalista enfatizam a sensação de distanciamento e isolamento, como se pode perceber nas passagens que seguem:

Foram quase oito horas navegando por essas águas, que estavam tão rasas quanto selvagens. Troncos imensos que chegaram ao rio empurrados pelas chuvas durante o inverno agora se exibem por todo o percurso e ao barqueiro não basta ser bom, mas excelente (...) Marcelo não desgrudava o olho do rio, um só instante que era para evitar que o mesmo se chocasse ou virasse. Sim, os barcos viram. De praxe. É a selva. (RIBEIRO, 25 de julho de 2016, online).

Ou na passagem extraída do texto “Fim de uma etapa”:

Depois de cinco etnias visitadas – Puyanawa, Yanawana, Kuntanawa, Ashaninka e Huni Kuin -, 70 horas navegadas em canos em seis distintos rios, muitos amigos pelos caminhos de terra e percursos de água, já posso dizer com alguma experiência que o Acre é um estado imenso, mesmo sendo tão pequeno. Com ele e por ele descobri que a vida na floresta é uma preciosidade. (RIBEIRO, 05 de setembro de 2016, online).

A jornalista destaca em seu blog que a vida na Amazônia é bem diferente da vida em São Paulo, onde morava anteriormente. Ela menciona alguns aspectos que considera positivos, caso da hospitalidade excessiva dos amazônidas ou o conhecimento das plantas medicinais.

A hospitalidade é vista tanto com encantamento como sendo uma atitude surpreendente, escassa, fora de sua realidade paulistana. Para surpresa de Ribeiro, em uma de suas viagens, relatadas no texto “Uma semana com os yawanawas: [os viajantes] “fomos alojados, em uma casa de árvore, que é a moradia de uma índia. Ela cedeu o espaço para nós. Agradecemos imensamente. Casa de árvore só existia na nossa imaginação até então” (RIBEIRO, 25 de julho de 2016, online). Em outro texto intitulado “Nós só queremos respeito” narra:

No terceiro dia conseguimos nos encontrar, mas antes ele havia passado a tarde mariscando. Os peixes vieram e não só a família dele foi contemplada, mas outras casas da comunidade também receberam peixes frescos para o jantar, no sentido de reciprocidade e troca que comentei anteriormente, em que muitas vezes nem se sabe porque está ganhando. Pode ser por algo que você tenha feito pelo outro há meses. Não há pesos ou medidos. Nem tempo ou valores. E a plenitude só existe para si se ela também estiver presente em todos. Compartilhar está intrínseco. (RIBEIRO, 23 de agosto de 2016, online).

Porém, destaca também que os ‘outros’, com quem está se relacionando provisoriamente na viagem, têm menos ‘conhecimento’ que ela. A jornalista relaciona ‘conhecimento’ a conteúdo sistematizado/nível de escolaridade, como se pode perceber na passagem a seguir extraída do texto “O que a floresta já me ensinou”:

Em cada comunidade que me despeço, um sentimento profundo de tristeza me acomete, como se eu estivesse vivendo uma existência provisória, com amizades provisórias e um futuro que teima em se esconder. No entanto, aprendo segundo a segundo com essas pessoas poucas dotadas de conhecimento, mas com uma sabedoria que transborda e faz com que eu me redima de ter colocado um dia no mesmo balaio intelectualidade e inteligência (RIBEIRO, 30 de julho de 2016, online).

Outro fator de surpresa é a percepção quanto às diferenças sociais e culturais, como a relação com o dinheiro, ausência ou presença de energia elétrica, uso de meios de comunicação e acesso à internet. Ela busca por esses fiapos de evidência por onde anda. Além de identificar São Paulo, nos locais por onde passava, como se observa na narrativa “A primeira terra indígena”:

Deixei Cruzeiro do Sul, no Acre, essa cidade que é a segunda maior do Estado depois de Rio Branco e que tem uma boate chamada Hashtag e uma lanchonete cujo nome é WhatsApp, para ir até a vizinha Mâncio Lima participar do primeiro Festival da Mandioca da etnia Puyanawa. (RIBEIRO, 16 de julho de 2016, online).

Pode-se dizer que tecnologia não está diretamente ligada com a internet, uso de aplicativos em smartphones ou equipamentos sofisticados, e sim direcionada ao uso daquilo que é necessidade daquelas comunidades por onde passou, seja gerador, instrumentos para plantio, equipamentos para conservação de alimentos, entre outros.

Entre as crianças paulistanas e as amazônidas há diferenças culturais. Ver meninas brincando perto do rio à primeira vista causa estranheza, como se pode perceber a seguir na fala da repórter extraída no texto “Uma semana com os yawanawas”:

Meninas jogando vôlei com uma rede montada no rio. Uma árvore com tantos ninhos de japiim que você não sabe como ela pode suportar resignada tamanha responsabilidade. Crianças que param para ver todos os barcos que passam e você se pergunta o que elas fazem ali o dia todo sem internet, televisão ou telefone, num lugar no meio do nada. (RIBEIRO, 25 de julho de 2016, online).

As crianças que moram na floresta amazônica têm outras necessidades além das tecnológicas, elas gostam de tomar banho de rio, caçar, pescar, andar na mata, subir em árvore. Nesse momento, percebe-se, na visão da jornalista, a homogeneização dos espaços cidade/floresta. Ela busca entender as práticas da floresta a partir do olhar dos moradores urbanos. Por isso, Silva explica que “a identidade e diferença não podem ser compreendidas fora dos sistemas de significação” (SILVA, 2009, p.78), ou seja, as características de um povo devem ser entendidas a partir das características sociais e culturais existentes naquele determinado lugar.

Silva (2009) explica ainda que a identidade é, na verdade, relacional, e a diferença é estabelecida por uma *marcação simbólica* relativamente a outras identidades:

O *social* e o *simbólico* referem-se a dois processos diferentes, mas cada um deles é necessário para a construção e a manutenção das identidades. A *marcação simbólica* é o meio pelo qual damos sentido a práticas e a relações sociais, definindo, por exemplo, quem é excluído e quem é incluído. É por meio da diferenciação social que essas classificações da diferença são “vivas” nas relações sociais. (SILVA, 2009, p. 14)

A Amazônia tem que ser percebida, então, a partir das suas multiplicidades culturais, espaços distintos, culturas variadas, como bem afirma Nenevé e Sampaio na passagem a seguir:

Reimaginar aquela excepcional Amazônia concebida e fantasiada como o local dos povos primitivos, que ainda não mudaram com todos os processos de colonização e de contatos. (...) sim, existem povos indígenas, existem sistemas antigos de povoamentos pré-colombianos, como também existe uma Amazônia multiétnica, multicultural, que passa por uma mudança dinâmica. Há a Amazônia urbana como há um conjunto de comunidades isoladas. São histórias heterogêneas, conhecimentos científicos variados, intersecção de histórias indígenas com a dos colonizadores, produção de conhecimento que parte da própria região e dos próprios povos que a habitam. (NENEVÉ, SAMPAIO, 2015, p. 20).

Indígenas

Maria Fernanda conheceu quatro etnias, sendo Puyanawa, Yawanawas, Kuntanawa e Ashaninka e revelou, aos seus leitores, no texto “A primeira terra indígena”, a sua emoção em estar tendo novas experiências:

O primeiro dia me fez chorar, como de praxe. Fiquei emocionada em estar ali conversando com aquelas pessoas e vivendo exatamente o que me propus a fazer na Amazônia a dentro, que é conhecer os povos que habitam a floresta e os verdadeiros guardiões da selva. (RIBEIRO, 16 de julho de 2016).

Historicamente, o indígena é apresentado como um povo diferente, com costumes, tradições e estilo de vida diverso. Um dos fatores em destaque é a espiritualidade, exercida pelo uso da ayahuasca nos rituais/festivais, ou ainda a forma de preservar a natureza e a vida em comunidades consideradas isoladas.

Ribeiro relata ainda na mesma postagem intitulada sobre o Festival da Mandioca da etnia Puyanawa. Ele foi o primeiro contato da jornalista com uma comunidade indígena. Isso aconteceu na cidade de Mâncio Lima, interior do Acre, onde foi realizado o evento:

Eu estava bem animada para chegar logo porque seria a primeira vez que pisaria em uma Terra Indígena, mas ainda no caminho uma informação me intrigava: como aqueles índios se sentiam ao habitar uma aldeia cujo nome era uma homenagem ao coronel seringueiro que foi responsável por uma matança organizada de seus antepassados e do trabalho escravo de sua etnia? Ao passar pelo portal que indicava que dali em diante eu estava em terra Puyanawa meu coração palpitou e a euforia tomou conta de todos os meus sentidos e, por algumas horas, eu esqueci o assunto que me incomodava. Os

Puyanawa estavam em festa. Era o primeiro festival que eles realizavam e chegamos – eu e meu primo – pouco antes do discurso de abertura da parte da tarde (RIBEIRO, 16 de julho de 2016, online).

A jornalista se preocupa em oferecer detalhes ao leitor: “estavam pintados com jenipapo e urucum e trajavam suas roupas típicas” (RIBEIRO, 16 de julho de 2016, online). No texto “A primeira terra indígena”, ela destaca que os Yawanawas são unidos, caçadores, organizados e saudáveis, além de protegerem a floresta, conseguem aproveitar os recursos da terra e, principalmente, sabem se divertir e sorrir. Os Yawanawas são considerados como “verdadeiros artistas” (RIBEIRO, 16 de julho de 2016, online) por fazerem pinturas corporais utilizando jenipapo, produzirem artesanatos com miçangas, uniformes, roupas, fazerem pinturas em tecidos, além de cantarem.

Além do Festival da Mandioca, outros festivais indígenas também foram comentados e muito apreciados pela jornalista. Ela participou do Festival Mariri da etnia dos Yawanawas, Festival do Uni da etnia Yawanawa e o Festival da Macaxeira dos Puyanawa. Como consta no texto “Uma semana com os yawanawas”, o primeiro é “quando eles recebem na aldeia pessoas de outros lugares com o objetivo de divulgar sua cultura milenar e integrar o povo branco com os índios” (RIBEIRO, 25 de julho de 2016, online).

Já o Festival do Uni, em outras palavras é um ritual da ayahuasca, cuja bebida é usada há diversos anos, Ribeiro explica, em outra passagem extraída de “Uma semana com os yawanawas”, que é “o elemento central de rituais xamânicos herdados da cultura indígena e o Acre é o berço dessa doutrina, onde o chá é consumido de maneira regular por pessoas de todas as idades” (RIBEIRO, 25 de julho de 2016, online). A jornalista ainda conta que o Festival da Macaxeira tinha como objetivo celebrar e reconhecer a própria cultura, que é relacionada à produção da macaxeira, de onde tiram seu principal sustento.

Percebe-se que os festivais organizados pelas diferentes etnias são meios de buscar resgatar as certezas étnicas, os valores, o que se entende por cultura, tradição e identidade. Ao mesmo tempo, parece que é necessário reafirmar essas identidades para que haja uma compreensão tanto de si quanto do povo indígena, para que sejam interpretados além dos estereótipos a partir de suas culturas e tradições diferentes.

É a identidade querendo ser reconhecida tal como ela é, por isso Silva (2009) afirma que a identidade é marcada pela diferença. Diferenças estas percebidas ao longo dos textos do blog *Eu na Floresta*. O autor (2009) ainda explica que identidade cultural é aquela que se vê como “uma questão tanto de ‘tornar-se’ quanto de ‘ser’”. Isso não significa negar que a identidade tenha um passado, mas reconhecer que, ao reivindicá-la, nós a reconstruímos e que, além disso, o passado sofre uma constante transformação.

As diferenças sociais e culturais são retratadas. Há uma problematização a respeito do papel do nativo na sociedade, percebido no texto “Índio que é índio”: “Índio que veste roupa de branco é índio?” Esse índio com iPhone parece mais branco que eu”. “E esses índios aí falando inglês?” “Índio que é índio anda pintado e de cocar”. “Tem uma aldeia que os índios têm camionete, Rolex. Nem eu tenho isso” (RIBEIRO, 19 de setembro de 2016, online).

O uso de aparelhos tecnológicos, saber falar outro idioma, o uso de carro ou não andar pintado, nu ou com cocar retira a identidade do indígena? A confirmação desses pensamentos reforça os estereótipos e representações criadas ao longo dos anos, cujo imaginário se solidificou no sentido de que eram povos exóticos, culturalmente diferentes, isolados, não civilizados e sem educação. Freire (2015) afirma que os povos indígenas, muitas vezes, são interpretados como subalternos e deslocados das sociedades contemporâneas:

Mas uma questão é importante reter: a de que a Amazônia, a partir da representação dos grupos humanos, ao que parece, talvez não se reconheça nela, posto que os sujeitos amazônicos sejam vistos como “os outros” dentro da própria região, tradicionalmente ocupada. O olhar de fora trata os sujeitos indígenas de maneira distanciada e com aspectos de subalternidade ao caracterizá-los de alguma forma deslocadas da atual dinâmica da sociedade que se caracteriza cada vez mais urbanizada. (FREIRE, 2015, p. 118)

A sabedoria do indígena é muitas vezes ignorada. O modo de vida não é respeitado devido às representações construídas desde a chegada dos europeus em terras brasileiras. O primeiro ato dos estrangeiros foi de nomear aquilo que desconheciam, como forma de poder, pois estavam viajando a procura de tesouros, aventuras e riquezas.

Nomear é uma das primeiras formas que o homem desenvolveu no demarcar e tomar posse de um território, de dominá-lo, de colonizá-lo. Nomear é dar sentido, é também demarcar diferenças em relação aos territórios vizinhos, é estabelecer fronteiras. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012, p.9)

O segundo ato foi discriminar os nativos, reduzi-los, escravizá-los e usar de suas terras e riquezas. Além de classificá-los e tentar defini-los como seres inferiores a ponto de diminuir seu estilo de vida, costumes, religião e cultura. O que reforça os estereótipos e conceitos já estabelecidos ao longo dos anos. Assim:

O ponto importante é que os estereótipos referem-se tanto ao que é imaginado, fantasiado, quanto ao que é percebido como “real”, e as reproduções visuais das práticas de representação são apenas metade da história. A outra metade – o significado mais profundo – encontra-se *no que está sendo dito, mas está sendo fantasiado, o que está implícito, mas não pode ser mostrado* (HALL, 2016, p. 200).

O autóctone precisa estar sempre com suas vestimentas e indumentárias para ser reconhecido pelos outros como tal. É como se aqueles instrumentos atribuísem a essência do ser indígena e os aspectos culturais fossem alterados por calçar tênis, vestir roupas que não aquelas de sua etnia.

Para a antropóloga Lígia Duque Platero, citada por Maria Fernanda Ribeiro na postagem de nome “Índio que é índio”, ser indígena é fazer parte de uma grande diversidade, de coletividade com relações de parentesco, com costumes, tradições e trajetórias em comum. Identificam-se, portanto, primeiramente como pertencentes ao seu povo e, isso independe do uso de novas tecnologias, calças jeans, celulares e afins:

A visão de que o índio é aquele que anda nu, com cocar e que quando veem usando roupa, celular ou assistindo televisão considera que não é mais índio é estereotipada. Essa é uma visão muito limitada porque é focada no material, naquilo que a gente consegue ver e ouvir, mas não é só matéria. Ela é ideia, é pensamento, é espiritualidade. São intangíveis. E as culturas são dinâmicas e não estáticas. A nossa própria cultura é dinâmica. (RIBEIRO, 19 de setembro de 2016, online).

“Ser índio no século XXI é viver na transversalidade, entre o mundo tradicional e o mundo moderno”, assim afirma Thashka Pesaho Yawanawa no mesmo texto “Índio que é índio” (RIBEIRO, 19 de setembro de 2016, online). É uma luta para preservar a ancestralidade, espiritualidade e seus costumes, em um mundo que busca mais o lucro.

Citado por Maria Fernanda Ribeiro, Biraci Junior Yawanawa afirma que o modo pelo qual utilizam os aparatos tecnológicos é mais para sobrevivência. “Manter a essência é a nossa resistência maior para provar que ainda estamos vivos, cuidando ainda do que resta da floresta” (RIBEIRO, 19 de setembro de 2016, online).

Ser índio é mais do que morar numa aldeia ou falar a língua. É ter sangue e espírito de um povo. Todos nós (índios) já ouvimos comentários sobre usarmos roupa de branco ou celulares e que, por isso, deixamos de ser índios. Ou que se um índio mora na cidade não é mais índio. Um brasileiro que vai morar nos Estados Unidos deixa de ser brasileiro? Não. Esse é o ponto. (RIBEIRO, 19 de setembro de 2016, online)

Existe um estigma quanto ao papel do indígena na sociedade contemporânea. Percebe-se que estes buscam retornar a um passado perdido, resgatar as vivências, lendas, tradições, músicas, desenhos, preservar terras, locais sagrados e rituais para mostrar que indígena é muito mais do que um ser exótico que vive em meio à floresta, anda nu e usa cocar. Como disse Yube Huni Kuini, no texto publicado no dia 19 de setembro de 2016 pela jornalista, ser índio tem a ver com a maneira como eles se alimentam da caça ou da pesca, moram, e no modo como eles se relacionam com o povo e a família.

O ato de entrevistar os indígenas e uma antropóloga é uma forma de “dar voz” a esses sujeitos para que possam se expressar, apresentar suas culturas e desfazer algumas representações seculares sobre esses povos e suas diversas etnias. Possibilitando o entendimento de que ser indígena está mais relacionado com a cultura, princípios, hábitos e a ancestralidade que carregam. Portanto, “ser indígena é fazer parte de uma coletividade com costumes e um passado em comum” (RIBEIRO, 19 de setembro de 2016, online).

Culinária

A comida é outro ponto bastante evidenciado nos textos da jornalista. Muitas vezes, ela se mostra surpresa ao lhe oferecerem um prato de comida, sem que ao menos saibam seu nome. São hábitos corriqueiros e cotidianos na Amazônia brasileira sobre os quais a jornalista não estava acostumada, por isso a admiração demonstrada nos textos escritos no blog *Eu na Floresta*.

Outras questões quanto à culinária foram surgindo como quando Ribeiro citou que em Cruzeiro do Sul havia o melhor biscoito de goma, a melhor farinha de macaxeira do mundo e as variedades de feijão. Nos textos do blog, ela enfatiza a fartura de alimentos encontrados no caminho da viagem. Muitas vezes, era servido ovo, tapioca, banana, pão de milho – cuscuz, como alguns conhecem -, mandioca e até peixe

frito no café manhã, almoço e janta, acrescentando farinha, arroz, feijão e salada. Segue passagem extraída do texto “Uma semana com os yawanawas” em que a jornalista demonstra como alguns alimentos eram preparados:

O barco encalhou e quebrou, mas não virou. Fomos recebidos com café e cuscuz de milho na cozinha comunitária. Enquanto comíamos, mulheres esquetejavam ao nosso lado um boi que havia sido morto naquele dia e jantamos ao som de facões que cortavam com força aquele animal que já tinha se transformado em pedaços de carne. (RIBEIRO, 25 de julho de 2016, online).

Fazer uma refeição e presenciar o corte de um boi é algo incomum para o morador da cidade, mas ação normal em meio à floresta. A diferença de hábitos alimentares rende inúmeros comentários ao longo dos textos: “durante todo o tempo nos alimentamos basicamente da macaxeira, que reina soberana, arroz, feijão, banana e um pouco de peixe, galinha ou carne de boi. Para beber, água”. (RIBEIRO, 25 de julho de 2016, online).

Em outros textos, a jornalista cita os alimentos que mais encontrou, tais como, açaí, andiroba, bacaba, bacuri, cajá, copaíba, graviola, arroz, macaxeira, farinha, tucupi, tacacá, mingau de banana, mingau de tapioca, cuscuz, peixe, quibe de macaxeira ou arroz, baixaria etc. A jornalista dá destaque ainda a um prato típico de Rio Branco chamado baixaria na narrativa “Rio Branco, uma capital para chamar de sua”:

Mas vamos falar da famosa baixaria no café da manhã. Essa safadeza é um prato típico acreano composto de cuscuz de milho, carne moída, ovo (um ou dois, fica a cargo do freguês) e cheiro verde, aqui é com coentro e não com salsinha. Sempre coentro, muito coentro, no maior estilo ame ou deixe-o. Salsinha deixa um gosto forte na comida, dizem por aqui. (RIBEIRO, 08 de outubro de 2016, online)

Em alguns momentos, ressaltam-se as dificuldades para encontrar restaurante depois das 14h, a ausência de determinadas verduras e frutas no supermercado e até mesmo sobre alguns alimentos comuns em São Paulo, mas não facilmente encontrados no interior do Acre. A jornalista passa a compreender que em cidades interioranas não existem grandes supermercados e sim mercadinhos, ambientes de comércio familiar que funcionam o dia inteiro, mas como número de produtos reduzidos.

Entre os hábitos dos amazônidas, nota-se que é comum ter horta no quintal de casa. É comum pescar o peixe, tratá-lo e prepará-lo em seguida para ser consumido e

ainda dividir com os vizinhos. Em determinadas épocas não se encontram muitas frutas, que são típicas da região sul e centro-oeste, mas não falta manga, goiaba, graviola, melancia, banana, entre outros produtos da região.

Os aspectos culturais também se mostram por meio da gastronomia, pois o alimento tem importância para o brasileiro independentemente de onde resida. Como afirma Roberto DaMatta: “De fato, o cru e o cozido, o alimento e a comida, o doce e o salgado ajudam a classificar coisas, pessoas e até mesmo ações morais importantes no nosso mundo” (DAMATTA, 1986, p.34). O autor complementa:

Num plano mais filosófico e universal, sabemos que cru se liga a um estado de selvageria (a um estado de natureza), ao passo que o cozido se relaciona ao universo socialmente elaborado que toda sociedade humana define como sendo o de cultura e ideologia. (DAMATTA, 1986, p.34).

Compreender o alimento é uma forma de interpretar uma cultura e os costumes regionais, se transformando também em maneira de acolher o outro e diminuir as diferenças entre os povos.

Considerações Finais

No blog *Eu na Floresta*, o imaginário sobre a Amazônia é ressaltado em diversos aspectos, seja pela ausência de tecnologia no meio da mata, pela forma que a cultura indígena é retratada ou até mesmo pelas dificuldades enfrentadas para chegar a determinados lugares na região.

A partir dos textos analisados, percebe-se que a jornalista ainda se assemelha a outros que passaram pela Amazônia, pois narra a região como misteriosa, comparando as diferenças entre cidade e floresta, principalmente, no que se refere a São Paulo e os municípios do Acre. Diante disso, a sensação de distanciamento e isolamento é preservada no texto.

Em relação às pessoas, a cultura, os hábitos e estilo de vida que passa a conhecer, há um misto de encantamento, surpresa e estranhamento, pois compreendia os amazônidas como povos totalmente diferentes daqueles do seu convívio. Apesar do esforço em dirimir alguns equívocos históricos sobre a região amazônica e sua gente, ainda se nota a preocupação em apontar desvantagens e problemas em morar na e cercado pela floresta.

Por outro lado, em alguns momentos a jornalista se permitiu enxergar o outro, apesar do estranhamento que é comum a todo ser humano, onde quer que esteja, ela se colocou no lugar do outro, entendeu as diferenças e semelhanças. Pôde perceber que o Brasil assim como a Amazônia é um local vasto, cheio de riquezas, surpresas e histórias. Por mais que haja a sensação de distanciamento de determinadas coisas, pessoas e hábitos, parece que estava mais perto de si mesma, alargando a visão que possuía em relação aos próprios hábitos, modo de vida e principalmente, em relação aos outros que julgava tão diferentes de si.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia**. São Paulo: Cortez, 2012.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Brasil: Edições 70, 2011, 288p.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural – Entre práticas e representações**. Difusão Editorial, 2002.

FREIRE, Priscila. **Discursos sobre a Amazônia na mídia**. Curitiba: Appris, 2015.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Tradução Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: PUC Rio: Apicuri, 2016.


NENEVÉ, Miguel; SAMPAIO, Sônia M. Gomes. Re-imaginar a Amazônia, descolonizar a escrita sobre a região. In: NENEVÉ, Miguel; SAMPAIO, Sônia M. Gomes. **Literaturas e Amazônias: colonização e descolonização**. Nepan Editora. Rio Branco – Acre, 2015.

MENDES, Francielle Maria Modesto. **Coronel de barranco: a literatura no imaginário social da Amazônia no primeiro ciclo da borracha**. Tese de Doutorado/História Social – FFLCH/USP. 2013.

PIZARRO, Ana. **Amazônia: as vozes do rio**. Tradução Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

RIBEIRO, Maria Fernanda. **Blog Eu na Floresta**. Disponível em: <http://sustentabilidade.estadao.com.br/blogs/eu-na-floresta/>. 2016.

SILVA, Tomaz Tadeu da. STUART, Hall; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 9. ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 2009.



TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA

Recebido em: 09 de junho de 2018

Aprovado em: 28 de setembro de 2018